

ETNOGRAFIA FANTASMA

Considerações sobre narrativas e experiências envolvendo seres intangíveis no Centro Histórico de São Luís



GHOSTLY ETHNOGRAPHY
Considerations on narratives and experiences about intangible beings in the Historical Center of São Luís

Gabriela Lages Gonçalves
Universidade Federal do Maranhão
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais | São Luis, Brasil
gaby.lages12@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-9940-7630

Resumo

Neste artigo reúno considerações sobre minha pesquisa de mestrado, realizada entre 2017 e 2019, que buscou enfatizar leituras, experiências e narrativas sobre as edificações históricas localizadas em São Luís- MA. A partir de três prédios públicos situados no Centro Histórico da cidade, realizei uma etnografia com os profissionais da vigilância dos imóveis históricos, interessada em caracterizar a presença de seres intangíveis naqueles lugares – visagens, assombrações, espíritos, fantasmas e suas formas de manifestações visuais, sonoras, olfativas ou sensoriais. Nesse sentido, registro neste texto como os vigilantes são impactados por suas vivências em trabalho e constroem relações de estranhamento ou familiaridade com a casa, ao mesmo tempo que mobilizam um circuito de narrativas sobre fantasmas no Centro Histórico de São Luís.

Palavras-chave

Casas, Espíritos, Pessoas, Patrimônio, Relações

Abstract

This article throws light on a series of notes written during my master's research, carried out between 2017 and 2019, which addressed apprehensions, experiences and narratives about historic manors located in São Luís – MA. Starting from three public manors in the city's Centro Histórico, an ethnography was carried out with buildings surveillances professionals in order characterizing the intangible being presences at those places – visions, hauntings, spirits, ghosts and their forms of visual, audible, olfactory or sensory manifestations. Thus, are registered in this text how the watchmen are impacted by their work experiences and how they build strangment or familiarity relationships along the house, besides they also they mobilize a narrative's circle about ghosts in Centro Histórico of São Luís.

Keywords

Houses, Spirits, People, Heritage, Relations



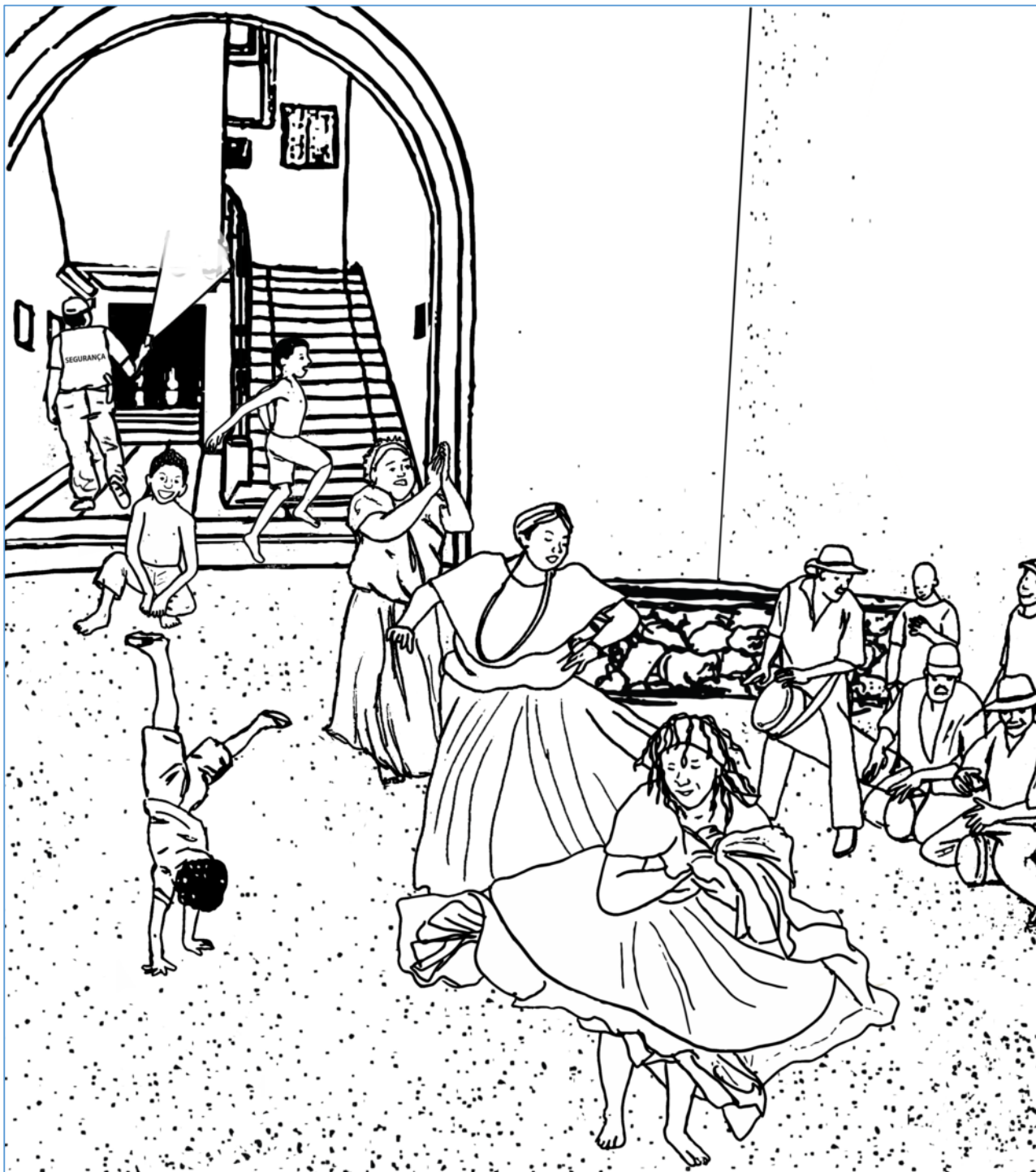


Figura 1 . Ilustração “Os amiguinhos”

Localizado na Rua da Estrela, o prédio que abriga a faculdade de História da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) foi um dos lugares que mais fiz pesquisa de campo em 2017. O movimento de pessoas terminava com os finais de tarde. As aulas acabavam, professores e alunos deixavam o prédio, por vezes, alguns zeladores permaneciam para concluir alguns reparos, restando apenas os vigilantes que alternavam o turno a cada doze horas. Dudu, um de meus principais interlocutores, havia utilizado o termo *amiguinhos* para se referir aos espíritos que sentia no casarão desde seus primeiros turnos em 2015. O vigilante noturno havia sido recém-contratado por uma empresa privada e foi lotado no prédio da faculdade de história. À noite, sozinho ‘em casa’¹, sentiu os primeiros vultos – descreveu-me como uma presença passageira que costuma dar vertigem na pele, por vezes trazia uma sensação de congelamento, um tanto fria. Com o tempo, Dudu e seus colegas de turno me ajudaram a compor as presenças de um casarão habitado – dois meninos que fazem travessuras perto da escada, tambores e conversas que entoam as madrugadas, imagens que estão timidamente ilustrados na Figura 1².

A vivência entre Dudu e os *amiguinhos* ilustra as características do Centro Histórico habitado por pessoas, espíritos, objetos e animais que me dediquei durante a pesquisa de mestrado. Movida por um questionamento sem resposta única – “Quem vigia o casarão?”, busquei analisar processos de convivência entre agências humanas e não humanas durante os anos de 2017 e 2019 pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão. A partir do Centro Histórico de São Luís e os edifícios que compõem a trajetória histórica e social da cidade, fiz campo em prédios públicos junto aos vigilantes de museus, espaços culturais, faculdades e bibliotecas localizados no perímetro tombado como

¹ Vale ressaltar que os vigilantes terminam por ter uma experiência de ‘segunda casa’ com o trabalho. Em doze horas de turno, principalmente noturno, a tendência é tentar acomodar-se de alguma maneira em espaços reservados – assistir televisão, deitar-se, tomar banho etc. Dessa forma, vivenciam uma acomodação semelhante a suas próprias casas num prédio histórico - que é também seu local de trabalho.

² Minha dissertação contou com cinco ilustrações feitas pela minha amiga e cientista social Ellen Cripf. A proposta tem base em um diário de campo ilustrado e nas possibilidades de registro de experiências/narrativas (Camargo, 2016).

Patrimônio Mundial da Humanidade, título concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) desde 1997 (Maranhão 1997). Com base na etnografia, ao intercalar pesquisa de campo e teoria antropológica (Malinowski 1976; Geertz 2008), me concentrei em vigilantes de três prédios públicos – o Arquivo Público do Estado do Maranhão, o Museu Histórico e Artístico do Maranhão e o Prédio da Faculdade de História da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

Dessa forma, me dispus a pensar o Centro Histórico como um lugar densamente habitado, em que diversos seres interagem e impactam a existência local. Nesse sentido, considero habitar como um processo que não se restringe ao humano e casas como um emaranhado de fluxos em interação que envolve homem, natureza, objetos ou entidades (Ingold 2012). Essa perspectiva evidencia os fluxos de continuidade presentes no ciclo de vida de um casarão: o tempo (sua cronologia de sobrevivência construção/destruição, expresso nos casarões ameaçados de desabamento); a natureza (crescimento de plantas, efeitos das chuvas, fungos e cupins que juntos podem deteriorar estruturas internas); e a habitação de seres intangíveis (*visagens, assombrações, espíritos, entidades* etc.) que são percebidos pelas pessoas (Blanes & Espírito Santo 2014).

Nesse sentido, ao acompanhar o cotidiano de trabalho dos vigilantes, pude conhecer processos de estranhamento e familiaridade desenvolvidos por eles, na medida em que sentem a manifestação de entidades através de sons, olfato, pele ou aparições e são impactados. Aqui, reúno de forma sucinta os principais pontos da discussão, com foco na circulação de narrativas sobre seres intangíveis nos casarões do Centro Histórico de São Luís e nas experiências e estratégias de vigilantes para lidar com presenças não humanas. A partir disso, provooco uma reflexão acerca das possibilidades de engajamentos no cenário do Centro Histórico de São Luís evidenciando seus efeitos no cotidiano.

Pessoas em movimento, narrativas em alimento

Como se estivesse “em busca de fantasmas” – registrei³ toda forma de narrativa, experiência ou leitura entre quem

³ Estive em treze prédios públicos localizados no bairro da Praia Grande no Centro Histórico de São Luís, até que delimitei os três prédios para aprofundar pesquisa de campo.

convive intimamente com os casarões, de forma a fazer um levantamento de nomenclaturas, histórias e formas de manifestações atreladas a presenças não humanas. Portanto, trago algumas considerações acerca da movimentação de pessoas/histórias através do movimento de funcionários entre casarões – os vigilantes. Ao praticarem trocas de turnos⁴ previstas em sua rotina de trabalho, realizam o ‘transporte’ de narrativas na medida em que vivem experiências em primeira mão e as compartilham com seus colegas.

As histórias circulam entre casarões independente do narrador ter ou não vivido aquela experiência, em outras palavras, as narrativas sobre seres intangíveis recebem atenção e são alimentadas pelas pessoas em um ciclo – sentir (ver, ouvir, tocar, cheirar), narrar (entre colegas de trabalho, pessoas que convive) e circular (trocar turno, encontrar funcionários de outros casarões). Entre as manifestações descritas com mais recorrência estão os sons (assobios, conversas, passos em escadas, sussurros, vozes ou músicas), as ações por intermédio de objetos (bebedouros, portas, quadros, teclados etc.) ou as ações em pessoas (ser tocado, empurrado ou *ver aparição*). Quanto aos termos, *visagens* e *espíritos* são os mais utilizados, algumas pessoas utilizam o pronome indefinido *alguém* – para dizer que *alguém* apareceu ou fez determinada ação. As menções a *vultos* e *espíritos* implicam dois tipos de interação entre seres e casas – *vultos* é usado para se referir aos reflexos de uma presença passageira que repentinamente arrepia a pele; enquanto *espíritos* é uma forma de nominar uma estadia permanente, uma presença que “mora” naquele espaço.

É comum que os vigilantes saibam dizer lugares ou ações específicas sobre os seres intangíveis – um poço, uma escada, uma sala, onde conversam, gargalham, choram, caminham, assobiam entre outras manifestações. Além disso, as narrativas não são aleatórias, mas constituídas de versões sobre um mesmo fenômeno que comporta diferentes temporalidades – ao narrar algo que ocorreu há anos o narrador indica que a presença pode continuar naquele espaço atualmente, o que provoca noções de tempo e espaço pré-estabelecidas. Dessa forma, busquei perceber como seres intangíveis ganhavam forma e

⁴ Prática comum entre funcionários da mesma empresa, em que um vigilante pode substituir outro em prédios diferentes – por turnos isolados ou períodos maiores como férias e licenças.

singularidade, como se falava sobre seu comportamento e como se relacionavam com determinados espaços.

Através das vivências de meus interlocutores, em especial Dudu e Beto (do Prédio de História da UEMA), Carlos e André (do Museu Histórico e Artístico), Joana e Daniel (do Arquivo Público do Estado), aponto que as narrativas sobre a presença de seres intangíveis nos casarões falam sobre uma forma de marcar o tempo: os dias específicos onde sua atuação é mais evidente (feriados, finais de semana), horários preferidos às manifestações (a partir das seis horas da tarde), atividades mais ou menos sensíveis às suas presenças (distinção entre o que é uma ação humana ou ação não humana). Segundo os vigilantes, a manifestação de seres intangíveis ocorre, especialmente, a partir das seis horas da tarde e possui picos mais intensos durante os feriados, especificamente no Dia de Finados e no Natal. As manifestações mais comuns sentidas por vigilantes remetem a percepções corpóreas como arrepios, mal-estar, temperatura (*ficar gelado*), ver um vulto ou espírito, ouvir passos ou ver objetos mexendo. Desse modo, os seguranças traçam estratégias para trabalhar nos casarões a despeito dessas presenças – fazer orações; levar terços; acender velas; usar escapulário, distrair o pensamento com leituras/música ou trocar de ambiente durante os turnos. Sendo assim, os vigilantes são moldados a se acostumar com a dinâmica já pré-existente na casa, de forma que desenvolvem táticas para conviver e executar sua função naquele espaço.

Nesse sentido, as experiências que circulam através de narrativas são capazes de emprestar sentidos ao que é vivido pelos vigilantes, na medida em que são recontadas por quem não necessariamente vivenciou as situações, o que demonstra o envolvimento das pessoas com eventos dessa natureza no Centro Histórico. Através das histórias, pode-se perceber como as pessoas estão inseridas nesse contexto – viver evento; narrar o evento; ouvir sobre o evento, suas performances de fala conectam realidades/experiências suas ou dos outros com novos acontecimentos. Dessa maneira, pessoas que não sentem o *vulto* ou não veem o *espírito*, são trazidas para ‘dentro’ das narrativas a partir do momento em que se envolvem nas histórias e as repassam – o que pode ser lido como um processo de narrativização, na medida em que as pessoas da experiência são engendradas em uma prática narrativa que é aberta a significados e interpretações (Cardoso 2007). “Etnografia fantasma” refere-se a este conjunto de leituras emprestadas que

estão reunidas na pesquisa – memórias, sentimentos, experiências e narrativas que constroem percepções de realidade – de interlocutores (eventos), da pesquisadora (escrita) e dos leitores do trabalho.

Considerações Finais

O Centro Histórico da cidade de São Luís é objeto de investigação por diversas áreas do conhecimento (Arquitetura, História, Arqueologia etc.), no entanto, as questões que envolvem os “mistérios” da cidade tendem a permanecer atreladas ao âmbito do imaginário. O trabalho contribui ao se debruçar sobre o cotidiano e as microrrelações estabelecidas entre pessoas, casarões e seres intangíveis. Pode-se perceber que o profissional encarregado de proteger, encontra-se desprotegido em outros âmbitos – os vigilantes são impactados por experiências ou narrativas no momento em que estabelecem contato com o Centro Histórico. Os casarões se apresentam como lugares de “vigilância diferenciada” em que os sujeitos moldam táticas de trabalho a partir das manifestações que sentem – sons, aparições, cheiros ou toques são atribuídos a seres que habitam as antigas casas. Dessa maneira, em sua função de ‘vigiar’, os vigilantes estabelecem vínculos que excedem o propósito inicial – relações afetivas são construídas, percepções sobre o patrimônio ou sentimento de pertencimento são aguçados, interferências de animais ou natureza são percebidas e, além disso, concepções cristãs/filosóficas sobre tempo e espaço, vida e morte, corpo e espírito têm um deslocamento na vida pessoal dos sujeitos (Gonçalves 2019). Em suas passagens pelo Centro Histórico, os vigilantes adquirem o lugar de transportadores/acervo de narrativas através de falas e vivências que tendem a ser desmerecidas socialmente. Nesse sentido, há um deslocamento da figura do vigilante que não é oficialmente porta-voz dos seus locais de trabalho e das vivências com seres não materializados – permitindo dar voz aquilo que era deslegitimado enquanto explicação sobre os fenômenos sociais.

Referências bibliográficas

- BLANES, Ruy; ESPÍRITO SANTO, Diana. 2014. “Introduction: on the agency of intangible”. In: Ruy Blanes e Diana Espirito Santo (Orgs.). *The Social Life of Spirits*. Chicago and London: The University of Chicago Press. p. 01-32.

- CAMARGO, Fernando Monteiro. 2016. “Desenhando nas margens. Diário de campo visual de uma experiência etnográfica”. *Cadernos de Arte e Antropologia* 5(2): 103-107.
- CARDOSO, Vânia Zikán. 2007. “Narrar o mundo: estórias do povo da rua e a narração do imprevisível”. *Mana* 13(2): 317-345.
- GEERTZ, Clifford. 2008. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. In: Clifford Geertz. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC. p. 3-24.
- GONÇALVES, Gabriela Lages. 2019. “Entre visagens e casarões: considerações sobre formas de vulnerabilidade a partir dos vigilantes do Centro Histórico de São Luís”. *Campos Revista de Antropologia* 20(1): 122-133.
- INGOLD, Tim. 2012. “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”. *Horizontes Antropológicos* 18(37): 25-44.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1976. Introdução: Objeto, método e alcance desta investigação. In: Bronislaw Malinowski. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural. p. 21-38.
- MARANHÃO. 1997. “Proposta de Inclusão do Centro Histórico de São Luís na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO”. *Dossiê UNESCO*. São Luís: Secretaria do Estado da Cultura do Maranhão.

Enviado: 3 de agosto de 2020
Aceito: 11 de novembro de 2020